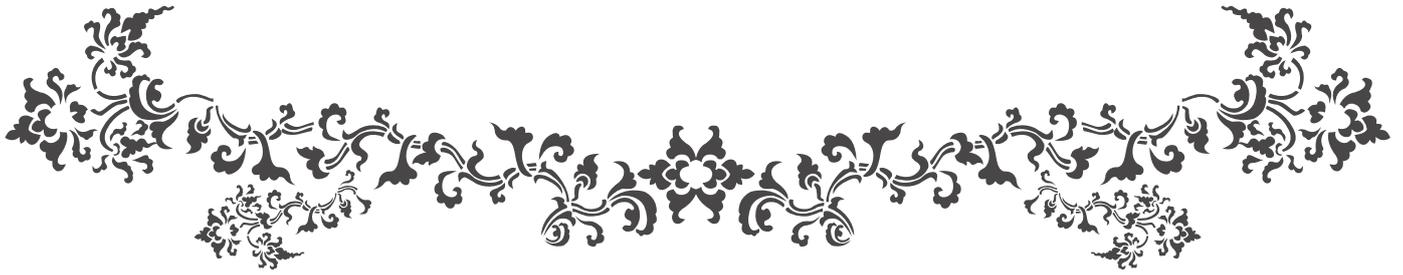




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Outubro de 2014, nº 183



SOPHIA, A Representação Cristã da Sabedoria

“...Com a sua chegada todas as boas coisas vieram para mim e das suas mãos inúmeras dádivas fluíram, que eu recebi e me deleitei com elas, mas sem saber que a Sabedoria era a mãe delas...”

“...A sabedoria é radiante e eterna, facilmente percebida por aqueles que a amam e encontrada pelos que a procuram. Ela se apressa para se apresentar para quem a deseja, pois aquele que madruga para procurar, não terá dificuldade em encontrá-la, sentada no seu portão.

Ela procura aqueles que são dignos dela e lhes aparece graciosamente nos seus caminhos, se fazendo presente em cada pensamento...”

(“Livro da sabedoria de Salomão 7:11-12 e 6:12-16”)

por Mirella Faur

○ primeiro verso da citação nos chama a atenção sobre o nosso desconhecimento a respeito da representação da sabedoria divina, que é a “Mãe de todas as boas coisas no mundo”, incluindo as riquezas da natureza e o conhecimento humano. No entanto, ela reside na psique de todos os seres humanos, como um arquétipo da Grande Mãe e que está ao nosso alcance se a procuramos com dedicação e vontade. A sabedoria divina foi descrita sob inúmeras formas e com diversos nomes nas antigas culturas do mundo: Isis no Egito, Ishtar na Babilônia, Inanna na Suméria, Astarte no Canaã, Kwan Yin na China, Hokhmah na tradição hebraica e Sophia na tradição judaico-cristã.

...Mas onde podemos achar a sabedoria? Não conhecemos o caminho que é escondido dos olhos humanos... (Jó 28:12.13.21)

O arquétipo da sabedoria divina feminina é oculto na tradição cristã, por isso devemos buscá-lo nas nossas almas, seguindo o caminho do saber interior, certas de

que Sophia irá partilhar sua sabedoria conosco.

O Conceito de Sophia

Sophia é considerada pelos filósofos e teólogos cristãos como a sabedoria feminina de Deus, expressa em toda a criação e no mundo natural, intrínseca ao bem estar espiritual do cosmos e da humanidade. Ela intercede com compaixão em benefício da humanidade aliviando seus sofrimentos, iluminando os buscadores espirituais com sabedoria e amor divino. Ela é representada como o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade, junto com o Pai e o Filho, como aparece numa antiga pintura em uma igreja da Bavaria.



O conceito da sophia (sabedoria em grego) era conhecido desde a antiguidade, quando Pitágoras, Sócrates e Platão nomearam a filosofia o “amor (philo) para sabedoria (sophia)”. A sabedoria era - segundo Platão - uma das quatro virtudes cardinais descrita como prudência. A afirmação de Sócrates “eu sei que nada

sei” abria a mente para a sabedoria, tornando-a um vaso vazio para ser preenchido com conhecimento. Mais tarde, os filósofos helenistas mesclaram sophia com logos (palavra), ideia adotada por João no seu Evangelho, quando diz “no princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”, considerando Jesus como a palavra do Pai.

Na tradição hebraica, a sabedoria era chamada Chokmah/Hokhmah e foi assunto de inúmeros livros do Velho Testamento e de textos apócrifos (“Provérbios, Canto dos Cantos, Salmos, Eclesiastes, Livro da sabedoria de Salomão, Sabedoria de Sirach”). A mudança da representação metafórica da sabedoria no judaísmo para a sua personalização nos textos posteriores (hebraicos, gnósticos, cabalísticos e helenísticos) foi determinada pelas distorções de palavras e gêneros na língua hebraica, grega e latim. De Hokhmah (sabedoria divina) - palavra feminina em hebraico - chegou-se ao termo grego neutro Hagion Pneuma (respiração) e ao masculino Logos (palavra), depois ao conceito latino e masculino do Spiritus Sanctus e o cristão Espírito Santo, apesar da sua imagem ser a pomba, totem da Deusa Mãe.

A Transição da Sabedoria

A transição da sabedoria como atributo da Mãe Deusa até sua transformação no Espírito Santo dos evangelhos gnósticos e cristãos aparece nos Livros dos provérbios (400 a.C), Ben Sirach (200 a.C.), O canto de Salomão, o Livro de Enoch (100 a.C.). No livro de Ben Sirach “A sabedoria é criada da boca do Altíssimo, que fez sozinho a abóbada celeste, os mares e a terra, e que lhe determinou morar somente em Israel”, privando assim o resto da humanidade da qualidade universal da sabedoria. A jornada da sabedoria da Terra para o céu foi descrita desta forma: “A sabedoria tentou fazer sua morada no meio dos filhos dos homens, mas não encontrou lugar para ficar e retornou à sua origem, entre os anjos” (Livro de Enoch, 42:1). Como punição pela perda, as pessoas comuns não mais podiam reverenciar sozinhas as leis da natureza, que iriam ser interpretadas por mestres, sacerdotes, padres e homens de lei, os únicos autorizados para compreender os escritos sagrados.

A real fonte da compreensão intelectual, do esforço e da realização foi transformada nos livros da Torá, que à sua vez foram declarados o receptáculo da própria sabedoria divina identificada pelo Logos, acessível

apenas aos homens. A atividade mental e a capacidade criativa pertencem, no entanto, também às mulheres, permitindo-lhes assim confiar no seu intelecto e intuição. A Torá foi vista como escrita pelo próprio Deus e a natureza feminina e universal da sabedoria foi abolida, considerada um compromisso com a lei de punição e recompensa, apesar da sua essência ser universal e feminina.

O verdadeiro significado da sabedoria arcaica não se perdeu apesar das distorções, mas ressurgiu de outra forma, como Sophia, no Livro de Sabedoria de Salomão, escrito em grego no primeiro século a.C. em Alexandria, por autores judeus não tradicionais, com orientação helenística e com comentários de mulheres de um grupo místico chamado Therapeutae. Nele, a descrição de Sophia (“a qualidade elevada da alma”) é muito semelhante à Hokhmah bíblica, com poderes

expandidos, mostrando como as mulheres podem se identificar e receber inspiração da Sophia: “...Ele deu-me o conhecimento de tudo que existe para compreender a ordem do mundo e a ação dos elementos, o início, meio e final do tempo, a mudança das estações, os ciclos dos anos e a posição das estrelas, a natureza dos animais, as espécies das plantas, as virtudes das raízes, as forças dos espíritos e o raciocínio dos homens”. (Livro de Sabedoria de Salomão 7:17-20).

Sophia pode ser vista como criadora por ter participado na criação do mundo e conhecer suas leis, que compartilha com os seres humanos. Deus é

considerado a fonte do conhecimento, mas cuja origem é a própria sabedoria, existente nas leis naturais e não confinada em um livro bíblico: “...Pois ela é o reflexo da luz eterna, um espelho imaculado dos poderes e da bondade divina... Ela é mais bonita do que o Sol e ultrapassa qualquer constelação de estrelas; é superior à própria luz, que é seguida pela noite, mas sobre a sabedoria nenhum mal prevalece. Ela alcança de um lado ao outro da Terra e cria a ordem em tudo...” (Livro da Sabedoria do Salomão 7:22 b-8:1). Sophia se revela uma divindade feminina, o atributo de sabedoria da natureza acessível às mulheres, que ficou degradada ao se tornar possessão humana e considerada um veículo para a grandeza masculina; por isso, aos poucos, foi se afastando e desaparecendo do mundo dos homens. Interpretações posteriores consideram a Sabedoria como sendo o Espírito Divino, um atributo radiante e reflexo luminoso de Deus, ou o próprio espírito criador,



a centelha divina presente nos humanos e em toda a natureza.

No “Livro da Sabedoria de Salomão” a sabedoria foi definida assim: inteligente, sagrada, única, diversa na manifestação, sutil, móvel, clara, pura, singela, bondosa, invulnerável, beneficente, irresistível, perspicaz, humana, firme, segura, livre da ansiedade, poderosa, vê tudo e permeia os espíritos inteligentes, puros e bondosos. Porém, depois dos capítulos iniciais do livro em que se enumeram as vinte e uma qualidades de Sophia, ela passa a ser vista como uma mulher com que os homens desejam se casar e considerá-la uma maneira para aumentar seu próprio poder. A sabedoria tornou-se assim um objeto a ser possuído pelos sábios, garantindo-lhe poder e vitória sobre os inimigos, sucesso nos negócios e felicidade doméstica, perdendo seus aspectos universais e sagrados e a sua essência feminina.

Sophia e o gnosticismo

Foi o gnosticismo, o movimento religioso e filosófico do leste do Império Romano do primeiro e segundo séculos, que desenvolveu o conceito da Sophia. Os gnósticos foram inspirados por muitas crenças e sistemas religiosos como judaísmo, cristianismo, zoroastrismo, filósofos gregos e romanos. Eles acreditavam que o mundo material em que vivemos era imperfeito, e que somente a gnosis (cognição) podia nos libertar das limitações. Apesar da escassez das fontes e das diferenças entre diversas correntes gnósticas, foram definidos os seguintes pontos comuns:

1. Sophia é uma emanção feminina primordial (equiparada com Sige - o Silêncio antes da Criação), associada com a sabedoria divina e integrada com outras emanções divinas. Sophia representa o aspecto feminino de Deus, que se formou de maneira espontânea do aeon primário (o ser mais elevado e indefinido). Ela é o reflexo do seu poder mental e sabedoria formando um par com Cristo.

2. Sophia fica grávida dela mesma, sem a participação de Deus e desta auto fecundação nasce o demiurgo, um ser totalmente diferente dela, com a aparência de uma serpente com cabeça de leão. Ela o afasta para longe para que não seja visto pelos seres imortais. O demiurgo cria o mundo material que é imperfeito por ser desprovido do elemento espiritual, porém ele mesmo se considera um deus. Há várias suposições sobre a auto impregnação de Sophia: altivez, afastamento de Deus ou a vontade incontrolável de criar. A criação do mundo material quebrou a unidade divina primordial.

3. Ao se desconectar da unidade divina, Sophia passa a existir em duas formas: Sophia superior, eterna, o poder dos pensamentos e Sophia menor, da morte. Desta

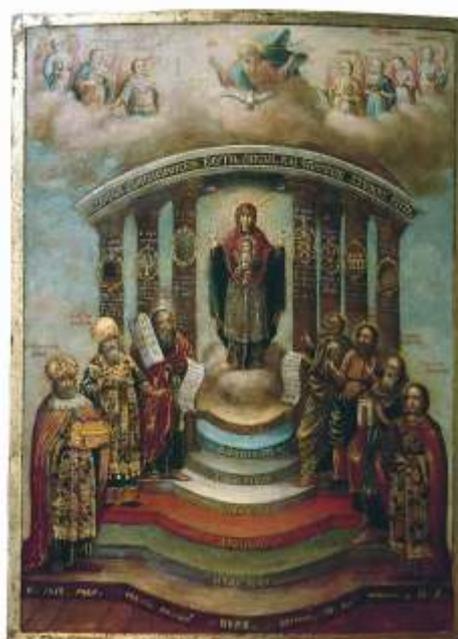
forma, Sophia combina os dois elementos: divino e humano.

4. Depois da criação do mundo material, Sophia fica presa nele e para libertá-la, Deus - por compaixão - envia Cristo para ajudá-la. Graças a ele Sophia se liberta e retorna à Unidade com a divindade. Em outra versão, ela continua no mundo material por amor à humanidade e Cristo encarna para ensinar ao mundo como reconhecer a sabedoria.

As seitas gnósticas que preservaram a associação mítica entre a Deusa e a imagem de Sophia como personificação da sabedoria divina feminina, foram proibidas no ano 326 pelo imperador Constantino. Sophia ou Sapientia (que emerge do mar e de cujos seios jorram o vinho vermelho e branco da iluminação pela união das polaridades) reaparece apenas na Idade Média, nas obras de vários filósofos, ordens iniciáticas (Templários, Cátaros, Graal) alquimistas e trovadores. A natureza lunar de Sapientia é representada nas suas duas faces, uma clara, outra escura e que estão presentes nas figuras das duas Marias, a Mãe (doadora da luz) e a consorte (Madalena, que detém o conhecimento da sabedoria oculta).

Sophiology

No século 13 nasceu na Rússia um movimento - baseado na tradição gnóstica - chamado Sophiology, que propõe a cognição do absoluto através da contemplação de Sophia como sua emanção. O seu criador - Vladimir Solovyov - teria tido três encontros místicos com Sophia, que o iluminaram e o levaram a estudar teologia, cabala e filosofia egípcia. Na sua visão, Sophia era semelhante a Ísis e a aparição dela era acompanhada de aroma de rosas. Foi pela conexão com Egito que o culto de Ísis foi transformado na crença em Sophia,



Iconografia Russa, Sophia, a Sagrada Sabedoria, 1812.

depois equiparada com Maria. Todas as doutrinas postulando a sabedoria como o aspecto feminino de Deus também tiveram sua origem no Egito (hermetismo, gnose, alquimia). A mensagem de Sophia era a necessidade de mudar o mundo através do amor e das opções vivenciais que permitissem o retorno à unidade.

Solovyov constatou que o nome da sabedoria era sempre feminino, indiferente da língua: Hokhmah ou Chokmah em hebraico, Sophia em grego e russo, Maya (hindu), Sapientia (latim). Ele também afirmou que tanto na tradição hebraica, como na cristã, ela nunca era uma divindade separada, mas uma emanção feminina de Deus. Na gnose e na cabala aparecia tanto como Chokmah, quanto Shekinah (o aspecto feminino de Deus). Resultava disso que Sophia era um elo entre Deus e a humanidade, uma mediadora entre energia e matéria e que o amor permitia vislumbrar o aspecto feminino de Deus no mundo material. Solovyov criou poemas sensuais para Sophia chamando-a de: “Amiga Eterna, Rainha, Deusa, Noiva Mística, Natureza do Universo, A Mais Bonita Senhora, Donzela Celeste, Aurora, Virgem do Arco Íris, Eterna Feminina”. Ele valorizava a mulher e o amor por acreditar que a união química entre dois seres levava à unidade, uma relação ótima com as mulheres sendo a melhor forma dos homens para reverenciar Sophia.

Os seguidores de Solovyov percebiam Sophia não como uma parte da Trindade, mas coexistindo com ela, igualmente poderosa e agindo como uma força feminina, junto da dupla masculina. A sophiologia foi muito popular na Rússia, onde a Igreja ortodoxa preservou alguns aspectos da antiga religião pagã, tendo uma visão da ordem cósmica sem se ater aos valores lógicos e racionais, prevalecendo os místicos e espirituais. Diferente da cultura, arte e literatura ocidental, onde a feminilidade era representada por “mulheres fatais” devido à emancipação do século 19, na Rússia o ideal era a imagem da mulher como parceira intelectual para o homem. Claro que estes valores sutis e espirituais foram abolidos e perseguidos após a revolução comunista, a imposição da doutrina materialista e a proibição da religião, declarada “ópio do povo”.

A Sabedoria Divina

No cristianismo a sabedoria divina é um tema muito importante, aparecendo nos evangelhos e nas cartas dos apóstolos. Ela é especialmente reconhecida no cristianismo ortodoxo, onde é identificada com a palavra divina (logos) personificada pelo Cristo. O melhor exemplo deste respeito pela sabedoria divina é a grandiosa basílica Hagia Sophia de Constantinopla (transformada depois em mesquita e atualmente sendo museu).



Hagia Sophia de Constantinopla, Istanbul - Turquia.

No oeste europeu, muitos místicos e artistas tinham uma reverência especial pela Sophia, como a freira Hildegard de Bingen, o visionário Jacob Böhme do século 16 e Jane Leade, mística inglesa que tinha visões e diálogos com Sophia. Em Israel era proibido representar Deus nas esculturas ou pinturas, o que causou a ausência das imagens da Sabedoria. Na cultura helênica, Sophia era um conceito filosófico com raras personificações. Na cultura cristã, o símbolo de Sophia é um círculo de sete pilares e a pomba branca.

Sophia está presente na antroposofia (“conhecimento do ser humano”), na teosofia e em outros movimentos místicos modernos. Atualmente Sophia é reverenciada como deusa da sabedoria pelos movimentos neopagãos e a religião Wicca; as imagens a representam assumindo atributos comuns a várias deusas antigas: uma mulher grávida, segurando um cálice (da sabedoria), com uma aura de luz acima da sua cabeça, acompanhada por uma pomba branca e cercada de rosas, uma mulher com manto ou com o rosto velado ou uma árvore cheia de frutos.

Conselhos de Sophia

Podemos considerar como “conselhos de Sophia” para a humanidade os seguintes conceitos:

1. Os pensamentos criam a sua realidade, descarte aqueles que podem prejudicar você. Olhe na profundidade, observe sem julgar, confie na sua percepção e sabedoria interior e não nas opiniões alheias.
2. Saiba quando falar ou se calar, não desista perante as dificuldades, confie na ajuda divina. Não sofra pela solidão, que, às vezes, é o preço da sabedoria. E lembre-se sempre de que a sabedoria somente tem valor se for compartilhada.
3. Você pode aprender com os outros, assim como eles com você. Não se deixe limitar por dogmas, superstições e superficialidades, nem se subestime devido aos conceitos e valores alheios.



Prece à Sophia

por Vera Pinheiro

Deusa Sophia, Senhora da Sabedoria,

Empresta-me a tua luz para iluminar os meus caminhos.
Que as minhas escolhas me conduzam ao que é melhor para mim, para o Todo e em benefício de todos os seres;

Mostra-me com clareza as possibilidades e os riscos para que eu não me deixe enganar pela ilusão, sabendo distinguir o que é dissimulação da verdade e indução a erro;

Dá-me retidão moral para assumir com responsabilidade os meus atos e as consequências deles para a minha vida e a vida de todas as minhas relações;

Concede-me discernimento para que as minhas atitudes sejam reflexo de uma avaliação equilibrada de todas as circunstâncias, e não julgamento antecipado e injusto;

Oferta-me a consciência dos meus dons para que eu saiba exercê-los para a evolução do meu espírito e para a prática do bem, sempre;

Dirige-me na senda do conhecimento para que eu execute o plano divino que foi traçado para mim e possa fazê-lo com alegria e genuíno contentamento;

Alarga as minhas virtudes para que mais da tua sagrada presença eu revele, diminui as minhas vaidades humanas e exalta as qualidades de humildade e generosidade;

Fornece-me coragem para transpor as vicissitudes e sabedoria para resolver os conflitos de minha humanidade em crescimento;

Fortalece-me em firmeza para que eu não desista diante das dificuldades nem esmoreça se confrontar com razões para tristeza;

Liberta-me das amarras do meu ser que impedem que se cumpra o destino da plenitude de minha felicidade;

Protege-me para que nenhum mal me alcance e para que eu não desafie o perigo por falta de atenção;

Purifica os meus pensamentos e dá-me visão clara para enxergar além do que me é mostrado;

Inspira-me as palavras e o valor do silêncio, alternando-os com sensibilidade;

Amplia a minha intuição e a confiança que posso ter nela, como em ti.

Torna-me plena comigo mesma e amorosa com todos os seres da criação;

Exalta a vida em mim para que ela seja a expressão de ti;

Manifesta no que sou a pureza, o amor e a bondade para que vivamos todos em harmonia;

Exalta em mim a tua presença para que a tua sabedoria te revele no que sou;

Aperfeiçoa o meu ser e o integra a ti, para que não mais seja eu, mas Tu em mim, desde agora e para sempre.

Que seja assim, em reverência por tuas bênçãos.





Maria,

Encontro você com o olhar mergulhado no céu da cidade, brincando de desenhar imagens entre as nuvens. Teimosas, as caravelas se transformam em borboletas, essas em um castelo que se dissolve em flores pequeninas. Nenhuma nuvem se fixa, é o balé celeste. Assim às vezes também brincam os seus pensamentos, travessos. E é fundamental observar onde vão pousar.

Seus pensamentos criam a realidade que você experimenta, isso você já descobriu. E já é tempo de você começar a praticar outra lição, abandonando conceitos e ideias que não tragam saúde ao seu bem viver. Proteja-se das crenças, superstições e dogmas, permita-se compreender e validar o conhecimento em suas experiências.

Sua firmeza não reside na fluidez das nuvens ou na superfície do lago, é bem no fundo de seu coração que a minha voz ecoa, indicando seu Norte. Exercite o discernimento, permita-se não julgar, até mesmo quando constatar opiniões alheias sobre você que carecem de verdade.

Inspiro à sua alma o equilíbrio que lhe trará a arte de falar oportunamente e, melhor, a serenidade de saber calar. A vida é uma troca de saberes que não tem fim. Mas aceite com alegria o fato de que, embora ela somente tenha valor ao ser compartilhada, a conquista da sabedoria é uma estrada que se percorre só.

Que o céu da cidade abençoe sua caminhada, cada dia mais preenchida com as cores da sabedoria, alegria, serenidade. Por amor, continuarei a inspirar você!

Em bênçãos de cristalino entendimento,

Aquela que é.



Próximos Rituais

Celebração de Samhain: Reverência às Ancestrais

Data: 31 de outubro às 20h

.. Somente para mulheres ..

Plenilúnio: Celebração da Deusa Thea

Data: 06 de novembro às 20h

.. Somente para mulheres ..

Os rituais acontecem na UNIPAZ Brasília/DF
Energia de troca: R\$ 15,00

Os portões serão fechados às 20h30.

Informações: Inês Souza (61) 8233.7949

